

## NOTAS SOBRE O CONSTRUCIONISMO DINÂMICO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA LINGUAGEM

Wagner Ferreira LIMA (UEL)\*

**RESUMO:** O presente artigo é uma apresentação das características principais do Construcionismo dinâmico, arcabouço teórico que vimos desenvolvendo no Projeto de pesquisa “Construcionismo dinâmico: uma abordagem alternativa de estudo da linguagem em uso”, na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Entre outros aspectos, salientamos o papel da linguagem na efetivação da “potencialidade existencial humana”. Sendo um componente da teoria geral das habilidades humanas, os “sistemas instrumentais”, evidenciamos como ela se articula com os dois outros componentes da teoria, os “sistemas subsidiários” e os “sistemas operantes”, pelo exame do processo de categorização. Ademais, arrolamos alguns temas de pesquisas em Construcionismo dinâmico.

**ABSTRACT:** This work introduces the main characteristics of a Dynamic Constructionism based on the theoretical background developed through a research project entitled “Dynamic Constructionism: an alternative approach to the current study of language” being carried out at Universidade Estadual de Londrina (UEL). It emphasizes, among other aspects, the role of language in realizing the “potentiality of human existence”. As a component of the human abilities general theory, under “instrumental systems”, this work shows how it articulates with the other two components of the same theory, the “subsidiary systems”, through an examination of the categorizing process. In addition, some research works on Dynamic Constructionism are also included.

### 1. Palavras iniciais

Atualmente, com o desenvolvimento da Neuropsicologia, que com os estudos sobre o cérebro *in vivo* tem jogado uma nova luz sobre o comportamento humano em geral, uma questão que se tem posto é como tal espaço epistemológico pode contribuir para o esclarecimento da linguagem verbal. No campo da clínica, na explicação de distúrbios neurolingüísticos, como afasia, alexitimia, entre outros, a aplicação dos achados dessa disciplina é imediata. Entretanto, no caso do uso natural e normal da língua, sua contribuição não é imediata.

Isso é complicado ainda mais pelo fato de que o paradigma dominante de explicação da linguagem é formado pelas teorias de base interacionista. Tais teorias partilham em comum a hipótese de que o conhecimento e o ser são construídos por meio da linguagem e que esta, por sua vez, é modelada pelos fatores de interação social. A ênfase desses estudos recai, portanto, sobre a dimensão sociocultural e interacional das ações humanas, de modo a eliminar a importância dos aspectos biológicos na explicação dos fatos cognitivos e lingüístico-discursivos.

Incluem-se nesse paradigma correntes lingüísticas e sociocognitivas muito diversas, desde a “psicologia sócio-histórica” de Vigotsky e o “interacionismo simbólico” de Mead, até a “psicanálise” em geral, passando pelo “funcionalismo lingüístico” de diferentes vertentes.

Há algum tempo, vimos trabalhando na construção de um arcabouço teórico e epistemológico orientado pelo anseio de superar a prerrogativa que os fatores socioeconômicos e culturais gozam nas ciências humanas e de incorporar os aspectos biológicos nas investigações lingüísticas. A esse esforço científico temos denominado de “Construcionismo dinâmico” (doravante CD). Trata-se de uma abordagem holística do comportamento em geral e da linguagem em específico, que reúne e emprega, além dos achados da lingüística e do interacionismo, os conhecimentos das ciências cognitivas e neuropsicológicas e da biologia evolucionista na descrição, explicação e compreensão do comportamento verbal.

As questões que o CD procura responder são as seguintes: *como e por que os indivíduos humanos são bem-sucedidos na execução de tarefas que tornam a sua sobrevivência possível?* E mais especificamente, *como a linguagem verbal contribui para a efetivação do sucesso existencial?* Convém esclarecer que, para o

---

\* Professor Adjunto do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).  
[wflima@uel.br](mailto:wflima@uel.br).

Construcionismo dinâmico, sobrevivência significa não apenas o desempenho das atividades fisiológicas básicas, como alimentar-se, saciar-se, procriar-se etc., mas também a execução de ações socialmente adequadas, que garantem a convivência social do indivíduo; até porque o CD entende que a vida social é instintual no homem e, por isso mesmo, faz parte da biologia humana.

A hipótese central do CD é de que o conhecimento é uma construção que envolve não apenas os processos socioculturais, como defendem as teorias interacionistas, mas também os processos biológicos. Estes são a base fundamental de todo conhecimento humano, pois, sem eles, a aprendizagem social não afloraria nem se desenvolveria.

Assim, nessa comunicação pretendemos apresentar brevemente a teoria do Construcionismo dinâmico e demonstrar como ela pode contribuir para o esclarecimento do funcionamento da linguagem humana. Situaremos o lugar da linguagem verbal no contexto geral de formação e funcionamento do self e demonstraremos como ela tem propiciado a efetivação da potencialidade existencial humana, especialmente na tarefa cognitiva de categorização da realidade.

## 2. Construcionismo dinâmico

Essa abordagem deve sua origem ao enfoque específico do Construcionismo social, que é uma corrente de estudos da psicologia social ou psicologia discursiva. Essa corrente problematiza o modelo clássico de ciências humanas, assentado nos axiomas das ciências básicas, e propõe um modelo que toma os processos discursivos como centro de seu estudo.

O Construcionismo dinâmico apoia-se em alguns dos postulados básicos desse enfoque, porém distancia-se do mesmo por outras qualidades. Em termos esquemáticos, podemos afirmar que os postulados centrais do CD são os conceitos de *construção*, *holismo*, *integração*, *potencialidade existencial humana* e *modelo do enredamento existencial*. Vejamos, então, cada um deles.

A princípio, a noção de construção é emprestada do Construcionismo social, já que este entende que o conhecimento é uma “construção” e que essa atividade é “social”. No processo de fabricação do conhecimento, a linguagem verbal joga um papel relevante, por ser o meio pelo qual construímos o universo humano, que, como sabemos, é simbólico. Assim, contesta três postulados que estão no centro do pensamento da modernidade, a saber,

- a) a concepção representacionista do conhecimento;
- b) a retórica da verdade;
- c) o cérebro como instância produtora do conhecimento.

Para o Construcionismo, o conhecimento não é “representação”, no sentido de “espelho da realidade” ou de cópia fiel do mundo ontológico, mas sim uma “construção”; por isso mesmo, não contém uma “verdade absoluta”, fundamentada na existência de uma realidade anterior a e independente da linguagem, mas sim “verdades”, que são relativizadas no tempo e no espaço; e, finalmente, o conhecimento não é o resultado de processos neurológicos, senão o efeito de processos socioculturais e interacionais. Para essa epistemologia, o cérebro só fornece as condições orgânicas para a existência do conhecimento, mas não o caracteriza. A caracterização é apanágio das relações interpessoais.

O Construcionismo dinâmico compartilha com o Construcionismo social os postulados do anti-representacionismo lingüístico e cognitivo e do anti-absolutismo da verdade. Portanto, acredita no caráter construtivo do conhecimento e no poder da linguagem em fabricar a realidade. Contudo, com respeito à hipótese da construção, distingue-se dela por incorporar os aspectos neuropsicológicos em suas investigações e, conseqüentemente, por tratar o conceito de construção em termos mais amplos.

Para o CD, o conceito de “construção” não representa apenas o caráter social do conhecimento, mas sobretudo o caráter dinâmico da existência humana. Construção significa aqui os dois lados do comportamento: o externo – social e interacional – e o interno – neuropsicológico. Assim, temos, de um lado, o fato de que o conhecimento é elaborado por meio das atividades lingüístico-discursivas, que, por serem interpessoais, conferem propriedades sociais ao mesmo; de outro, a circunstância de que o aspecto construtivo dos produtos simbólicos é inerente a própria natureza humana, ou seja, a atividade do homem é essencialmente flexível e dinâmica. Nela tudo é construção.

A interface entre as condições exógenas e endógenas torna desnecessárias a oposição “biológico” vs “cultural” e a ênfase que normalmente as correntes interacionistas concedem ao último termo do par. Isso porque o cultural tanto quanto o biológico são condições intrínsecas à natureza humana, não havendo razão para separá-las.

O epíteto “dinâmico”, que determina o termo “construcionismo”, é, portanto, uma referência à natureza construtiva do comportamento. Na vida nada é fixo e estável. Tudo está em transição, passando de um estado para outro, num movimento irreversível contínuo. O fato é que tal movimento pode ter velocidades diversas e, por isso mesmo, afetar de maneiras diversas a percepção. Se for muito rápida ou muito lenta, o aparelho cognitivo humano não percebe seu desenvolvimento.

Por exemplo, a cada dia envelhecemos um pouco mais, entretanto, não percebemos as etapas do processo, porque nossa mente está programada para “descontinuar” fenômenos que ocorrem numa velocidade ou muito alta ou muito baixa e “reorganizá-los” num todo coerente, conferindo-lhes um significado lógico e pessoal.

Com respeito ao holismo, o CD refuta a tradição científica de segmentar partes do universo humano para estudá-los separadamente. Para ele, esse universo é um “todo” complexo (do grego *holos*), em que seus aspectos estão intimamente interligados. Por isso, o ser não se reduz a “mente”, como pregam os racionalistas, nem a “corpo”, como postulam os empiristas. O homem é uma totalidade, que envolve corpo, mente, psique e ambiente.

Como Piaget (1972, p. 157-199) já demonstrou, a mente precisa das experiências senso-motoras para paulatinamente se constituir, e estas daquela para se desenvolver. Pesquisas sobre a memorização revelaram que a presença do corpo físico é fundamental para assegurar a coerência das hipóteses que o cérebro emite acerca do self (cf. infra), pois na falta de partes do corpo o cérebro pode fantasiar reações que não correspondam à realidade, como, por exemplo, dores decorrentes da amputação de um membro (ROSENFELD, 2006, p. 84-91).

Além de corpo e mente, o CD admite que o ser envolve também outras dimensões, como o psicossoma, o ponto-de-vista e o meio (cf. infra). Assim, essas diferentes dimensões articulam-se num todo que é o próprio ser humano, de modo que o estudo do comportamento exige necessariamente um exame da maneira pela qual os componentes de tais dimensões se inter-relacionam.

Outra característica do CD é o seu caráter integralizador. Enquanto arcabouço teórico, o CD não dispõe de teorias específicas para tratar dos diferentes aspectos envolvidos no funcionamento do comportamento e da linguagem. Nesse sentido, como toda metateoria, o CD é lacunar e por isso mesmo aberto ao diálogo com teorias mais específicas, a fim de obter também suas próprias teorias específicas.

Por essa razão, ele integra sob uma mesma abordagem informações teóricas diversas, inserindo-as num novo sistema no qual elas também passam a responder a uma nova dinâmica. É assim, por exemplo, que as noções de “inteligências pessoais”, de H. Gardner (1994, p. 184-213), usadas originariamente para denominar as habilidades humanas de resolver problemas de natureza intrapessoal e interpessoal, são empregadas no CD como um dos recursos usados na tarefa operante de comunicar-se.

O holismo defendido pelo CD desemboca no postulado da potencialidade existencial humana (doravante PEH), que justifica a proposição de uma teoria geral do self e de uma teoria geral das habilidades humanas (tríade sistêmica), bem como a elaboração do modelo do *enredamento* existencial..

A potencialidade existencial humana refere-se às *condições que propiciam uma sobrevivência saudável e normal às pessoas*. Uma pessoa vive de forma saudável quando sua existência é fluida e, em geral, livre das interrupções propiciadas pelas disfunções ou transtornos de ordem emocional, cognitiva e lingüística. Sendo saudáveis, as pessoas são capazes de ter uma vida normal e, portanto, de ser felizes.

O CD entende que uma vida normal é aquela em que os problemas intercorrentes são resolvidos e os fracassos superados. Os problemas não são da mesma ordem, mas mudam conforme as etapas da vida (primeira infância, infância, puberdade, etc.), e implicam graus de complexidade crescentes. O indivíduo saudável é capaz de solucionar os problemas relativos às diferentes etapas da vida, de modo a sair mais capaz e fortalecido de uma fase para lidar com os desafios das etapas subsequentes. Com isso, ele continua vivendo ininterruptamente.

Assim, é preciso que durante o amadurecimento do indivíduo tudo corra bem. É preciso que ele tenha as condições endógenas necessárias e suficientes, tanto quanto as condições exógenas adequadas. Estas se referem à estimulação ambiental apropriada, decorrente das relações saudáveis com *outro* (objetos e pessoas); aquelas, aos fatores de ordem fisiológica, hereditária, temperamental, importantes ao crescimento humano em geral.

Em conformidade com as atuais pesquisas nas áreas da Neuropsicanálise, Neuropsicologia, Neurolingüística, entre outras, o CD postula o intercâmbio dinâmico entre esses dois grupos de condições, de maneira que os fatores endógenos sensibilizam os indivíduos aos diversos estímulos ambientais e estes, por sua vez, ativam, condicionam e amadurecem os fatores internos. Dessa troca apropriada, equilibrada,

estabelecida na medida certa para cada caso, depende a saúde da pessoa e a normalidade de sua sobrevivência.

A potencialidade existencial humana compreende, então, o justo intercâmbio de condições exógenas e endógenas e os efeitos salutares dessa troca para a sobrevivência das pessoas. É aquilo que faz com que, em cada fase de amadurecimento, o indivíduo *possa* executar tarefas apropriadas à sua idade e aos diferentes contextos, as quais lhe permitem ser socialmente bem-sucedido.

Para o CD, o homem é aquilo que ele faz e é capaz de fazer para viver em grupo, desempenhar sua cidadania, cuidar de si e de seu meio, enfim, ser feliz. Para tanto, ele precisa realizar-se como pessoa, usufruindo da plenitude das capacidades fornecidas pela espécie e aprimoradas pelo meio. Em síntese, o PEH é aquilo que torna possível o sucesso da existência humana, isto é, os saberes amadurecidos em interação sobre como postular hipóteses apropriadas às situações e de verificá-las, corrigi-las e/ou substituí-las, de modo a obter o bem-estar pessoal e/ou coletivo e a aprovação e o reconhecimento do outro.

No bojo do CD, a linguagem em geral e a verbal em específico são um componente da PEH. Por isso, os estudos construcionistas dinâmicos compreendem a linguagem em estreita relação com essa potencialidade e, por isso mesmo, defendem que a riqueza do material lingüístico reflete a própria complexidade da PEH. Assim, um estudo contundente dela deve levar em conta esse vínculo intrínseco.

Além de fazer um estudo das propriedades formais da linguagem, o CD situa o lugar da linguagem verbal no programa geral de formação humana e demonstra como ela propicia a efetivação da potencialidade existencial.

Dado que a PEH instancia-se no self, ou si-mesmo, o CD inclui uma teoria *sui generis* para explicar o funcionamento do si-mesmo, denominada de “teoria holística do self”. O self é a pessoa singular que cada um de nós somos. Longe de sermos indivíduos com identidades definidas de uma vez por todas, somos seres em constante mudança. Em suma, somos seres “dinâmicos” e em constante “construção”. Essa propriedade construtiva dinâmica o self adquire da PEH, pois ele se constitui em meio aos processos que caracterizam essa potencialidade.

Em conformidade com a psicanálise winnicottiana (DIAS, 2003, p. 93-155), o CD postula que o self é um ser que emerge e amadurece paulatinamente, a partir da relação do indivíduo recém-nascido com o *meio*. Este tem a função de prover as condições exógenas para que a individuação do ser aconteça, haja vista que no começo da vida o indivíduo não tem consciência do mundo nem de si mesmo.

O resultado das primeiras relações é a estrutura do *psicossoma*: um sistema dinâmico de representações mentais das experiências concretas do infante, regulado basicamente por fatores pré-rationais, impulsivos e egocêntricos. Trata-se de uma “interpretação” da estimulação ambiental feita pelo self em formação, com base nos recursos inatos de que dispõe – criatividade primordial (WINNICOTT *apud* DIAS, 2003), instinto “epistemofílico” (KLEIN *apud* FONSECA, 2006), instinto de autopreservação, instinto de sexualidade etc.

O mais importante na teoria do psicossoma é que este consiste de memórias de experiências com forte significado afetivo, devido ao fato de serem produto das *vivências* do infante. Por isso mesmo, tais lembranças tendem a influenciar o comportamento do indivíduo por toda a sua vida, seja de modo consciente seja inconsciente. Tais influências apresentam-se na forma de exigências, que são basicamente de três naturezas: exigências biológicas (instintos de sexualidade, agressividade e autopreservação do organismo etc.), exigências egocêntricas (tendências à expressão do narcisismo, ideal do ego, identidade pessoal etc.) e exigências corporais (tendência à busca de experiências concretas, tendo o corpo (soma) como parâmetro).

Para o CD, a *mente* tal como a concebemos, enquanto pensamento consciente e racional, orientado para a vida exterior, é um desdobramento tardio e sofisticado das funções e tendências cognitivas que já operam precocemente no sistema do psicossoma. Segundo o CD, a diferença está basicamente no fato de que os processos psicossomáticos são governados por exigências biológicas, egocêntricas e sensoriais; ao passo que os processos mentais são presididos por exigências mais culturais, interpessoais e lógicas. A mente supõe os processos cognitivos mais conscientes, atentos e racionais, pois implica as funções ditas superiores, como o raciocínio, a linguagem, a categorização, a aprendizagem explícita etc.

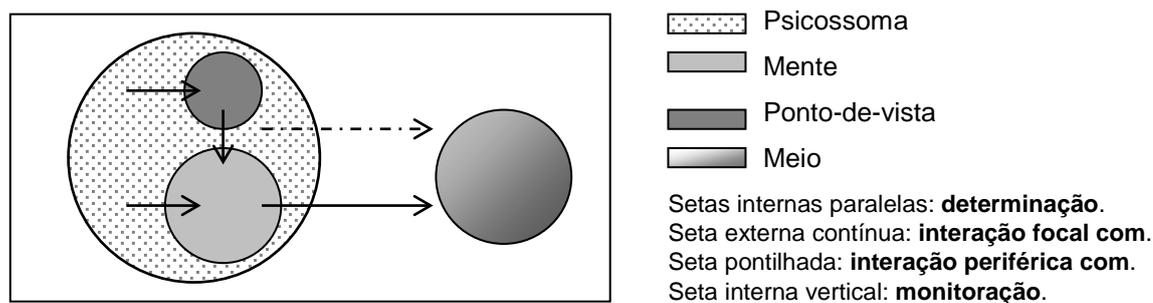
A distinção entre o psicossoma e a mente é útil na compreensão dos “sistemas instrumentais”, que incluem a linguagem verbal (cf. *infra*). Com efeito, esta reúne duas dimensões que a tornam de uma só vez um objeto abstrato, processo e efeito dos mecanismos mentais, e um objeto material, processo e efeito dos fatores psicossomáticos. Enquanto objeto abstrato, a linguagem admite abordagens de cunho racionalista, como o Gerativismo; já na condição de objeto concreto, coloca-se como fenômeno de investigação de abordagens empíricas, como a Pragmática e a Análise do discurso.

O último aspecto da teoria do self é o *ponto-de-vista*. Esse conceito está intimamente relacionado com a (auto)consciência, isto é, a “experiência da própria experiência interior (introspecção)”. Com efeito, o homem “sabe que sabe” (*Homo sapiens sapiens*) e que esse saber de segunda ordem faz parte da sua subjetividade. A (auto)consciência é uma das condições dos processos de monitoração, controle e avaliação das atividades do self, bem como do seu processo de individuação.

Em relação à (auto)consciência, o conceito de ponto-de-vista inclui a idéia de “ilusão”. O ponto-de-vista é uma espécie de “mirante” que “observa” as experiências internas e externas do si-mesmo. No entanto, em condições normais, esse olhar encontra-se freqüentemente comprometido com a “ilusão de certeza e de transparência” daquilo que se observa. Na realidade, o ponto-de-vista é muito limitado, pois ele *não* consegue perceber dois processos acontecendo simultaneamente.

Por exemplo, ele não percebe que as funções mentais são funções específicas inseridas em processos psicossomáticos gerais. Por isso, uma parte dele corresponde ao “ponto cego” da consciência; a outra parte, relativa à monitoração, equivale ao “ponto vidente” da consciência. Por outro lado, a “cegueira” do ponto-de-vista o impede de perceber que, em geral, ele é orientado por exigências psicossomáticas. A ilusão de realismo do pensamento é, ela mesma, uma exigência do psicossoma, determinada pela centralidade deste, que propicia a dissimulação das investidas dos fatores psicossomáticos nos processos racionais, de modo a garantir a boa expressão de tais fatores no comportamento do selfes.

Em suma, temos que o psicossoma *sente*, a mente *raciocina*, o ponto-de-vista *monitora e certifica* e o meio *estimula*. A seguir, temos uma representação gráfica do self-holístico, em que estão discriminadas as quatro dimensões que o caracterizam, bem como, por meio de “setas”, as relações existentes entre elas, a saber, a determinação, a interação focal e periférica e a monitoração.



**Esquema gráfico do conceito de self-holístico**

No quadro do CD, a tétrede “meio/psicossoma/mente/ponto-de-vista” explica a composição do self, emergindo este paulatinamente da relação entre o psicossoma, a mente e o ponto-de-vista, de um lado, e o meio, de outro. Por não confundir o self com a noção corrente de “eu” – entidade monolítica que se opõe dicotomicamente à noção de “outro” (*eu-outro*) –, o Construcionismo dinâmico emprega o termo “self-holístico”, o que permite incluir o conceito exógeno de meio ambiente na definição do si-mesmo e ressaltar a inerência dele ao próprio indivíduo.

Essa teoria do self é importante, porque para o CD os fatores psicossomáticos exercem forte influência no modo como os selfes desempenham as diferentes tarefas cotidianas. No caso do uso da linguagem, a exigência psicossomática da “corporeidade”, isto é, das experiências concretas, determina a maneira pela qual as pessoas vão produzir significados sobre o mundo; como é possível verificarmos na teoria da “iconicidade do signo lingüístico”, formulada pelo funcionalismo cognitivo (PEZATTI, 2005, p. 165-218).

Para efetivar o PEH, o CD entende que o self precisa fazer uso de uma série de habilidades, e sentimentos, que se distribuem, conforme as conseqüências que produzem, em três sistemas básicos: os “sistemas subsidiários”, cujos efeitos consistem em fornecer os requisitos básicos à execução das tarefas humanas; os “sistemas operantes”, cujas conseqüências são as de agir sobre o meio, de modo a alterá-lo; e, por fim, os “sistemas instrumentais”, cujos resultados são os fornecer os suportes para a expressão e organização dos sistemas operantes. A essa teoria geral das habilidades o CD tem denominado de *tríade sistêmica*.

Freqüentemente, o homem não realiza toda a sua potencialidade, dando origem a nós existenciais – distúrbios e transtornos psicossociais e lingüísticos. A condição para que isso não ocorra é que haja uma interação fina entre esses três conjuntos de sistemas interdependentes. O método que o CD tem empregado

para postular essa tríade é o da “inferência com base em distúrbios”. Trata-se de chegar à compreensão de comportamentos bem-sucedidos observando a execução das tarefas humanas, não apenas em condições normais, mas sobretudo em condições anormais, ou seja, em situações de distúrbios e/ou transtornos.

Isso é feito por meio da observação de casos clínicos, seja diretamente, seja por intermédio de relatos de especialistas. A partir disso infere-se as conseqüências das falhas no processo de formação humana e, por extensão, no desempenho das tarefas básicas cotidianas, como a resolução de problemas, a linguagem e a aprendizagem. Um outro caminho consiste em comprovar a acurácia das inferências por meio de testes com informantes.

As observações orientam-se pelo modelo ideal do “indivíduo adulto saudável”, isto é, do ser humano capaz de realizar com relativo sucesso as tarefas da vida adulta. O que motivou o CD nessa escolha foi o fato de que é na fase adulta, quando os indivíduos adquirem a maioridade, que a saúde e a normalidade existenciais das pessoas são postas à prova. E é, sobretudo, nessa fase que se evidenciam também os problemas de adaptação, decorrentes, em grande parte, de falhas na formação dos indivíduos.

Por fim, a última característica do CD tem que ver com o modelo do “enredamento existencial” (doravante EE). Embora esteja ainda em elaboração, esse modelo visa demonstrar em termos mais concretos e específicos a forma pela qual podemos entender as ações humanas enquanto “construções”, até porque, devido à generalização do seu uso, a idéia mesma de construção está um tanto desgastada. O modelo em questão pretende ser, portanto, uma expressão mais detalhada do funcionamento do processo construtivo.

Como vimos, a questão central do CD é saber como indivíduos comuns são bem-sucedidos na efetivação da PEH e qual é a importância da linguagem verbal nesse processo. Descrevemos acima as dimensões do self envolvidas em tal efetivação, bem como as características das habilidades humanas e suas possíveis interligações; porém, não determinamos como todos esses aspectos funcionam em situações específicas de comunicação. O modelo do enredamento permite exatamente isso. De acordo com esse modelo, a construção não passa de um processo em que os participantes da interação elaboram hipóteses sobre como desempenhar as tarefas operantes em jogo na interação. Essas hipóteses podem ser confirmadas, retificadas, alteradas, substituídas ou anuladas, conforme as vicissitudes da trocas verbais.

Por outras palavras, as hipóteses representam o esforço do self-holístico em relacionar as eventos factuais a redes de sentidos já existentes, dotadas de significados pessoais e íntimos. Quando o self faz isso, ele está de uma só vez agindo objetivamente sobre o real e “enredando” suas ações à sua história de vida.

Contudo, as hipóteses supõem graus distintos de distorção do real, devido às exigências do psicossoma. Nesse sentido, o indivíduo precisa confrontá-las constantemente com o mundo dos objetos físicos e simbólicos, a fim de obter o mínimo de realidade às suas hipóteses e ser bem-sucedido nas tarefas cotidianas. Sem essa condição, ele estará condenado a viver eternamente em suas fantasias.

Conforme defende o Construcionismo dinâmico, o self consegue a referida realidade para as suas hipóteses, de modo a operar com base no real e não em suas fantasias, das seguintes formas:

a) usando uma forma de pensamento pautado pela análise e síntese das propriedades empíricas dos eventos percebidos por ele. Testemunhos dos órgãos sensoriais, tais propriedades representam a própria objetividade dos fatos e, por isso mesmo, garantem a certeza na realidade deles;

b) adotando o sistema de crenças e atitudes que fazem parte do conhecimento do senso comum, que, dado o seu caráter coletivo, é dito verdadeiro por si mesmo. Sendo assim, essa forma de conhecimento não depende de procedimentos de validação e legitimação outros que não os já empregados informalmente pela sociedade a que se refere;

c) pela confiança no outro significativo, próximo ou distante, que é sustentáculo da “verdade” do conhecimento coletivo e o parâmetro de legitimação das crenças e dos gestos do self.

Dessa maneira, o homem atenua a tendência idiossincrásica de suas atitudes e crenças e reforça os laços com o mundo físico e sociocultural.

O enredamento é importante porque *humaniza* os comportamentos, já que os insere no universo existencial total das pessoas. Por exemplo, embora sejam passíveis de executar tarefas operantes, os robôs inteligentes não podem ser considerados humanos, devido ao fato de eles não serem capazes de “enredar” holisticamente suas ações; haja vista que não dispõem de (inter)subjetividade como os seres humanos.

O enredamento é, em última análise, o que pode ou não assegurar o sucesso das tarefas operantes. Enredamentos equivocados ocasionam conseqüentemente ações malsucedidas; em contraste, enredamentos adequados propiciam comportamentos apropriados e bem-sucedidos.

Uma representação mais detalhada do *modus operandis* do modelo do EE ainda está por ser construída. Todavia, o modelo já nos permite ter uma idéia mais concreta dos fenômenos envolvidos na efetividade do potencial humano, a saber:

- a) a determinação da mente pelo psicossoma;
- b) O inter-relacionamento dos sistemas de habilidades na execução de tarefas;
- c) o fracasso ou sucesso de algumas pessoas na efetivação da PEH.

### 3. A teoria geral da tríade sistêmica

O mais abrangente conjunto de sistemas é o que temos designado de *sistemas subsidiários*. Inclui habilidades e sentimentos gerais, amadurecidos paulatinamente durante as vivências das pessoas, sem que estas se dêem conta disso. Resultam dos condicionamentos ambientais de movimentos corporais inatos, como as expressões corporais dos impulsos, as diferentes respostas reflexas, a senso-motricidade, em suma, os comportamentos simples naturais e espontâneos.

Os sistemas subsidiários recebem esse rótulo porque, em linhas gerais, existem em razão de terem tornado possíveis a execução de tarefas específicas, a aprendizagem e, por isso mesmo, a nossa surpreendente capacidade de adaptação. Os sistemas subsidiários são, então, um dos grupos de fatores responsáveis por propiciar a realização da PEH.

Nossas leituras de estudos clínicos indicam que tais sistemas compreendem, como dissemos, habilidades e sentimentos básicos, que estão presentes em praticamente todas as nossas atividades. Por resultarem de vivências imediatas, não são normalmente percebidos diretamente pela consciência, nem são controlados pela vontade, tal como ocorre com os elementos dos sistemas operantes e instrumentais. A título de exemplo, e a partir de pesquisas sobre a hiperatividade, salientamos algumas dessas habilidades.

A hiperatividade é distúrbio que se caracteriza, entre outras coisas, pela disfunção da auto-regulação do humor, motivação e nível de estimulação e atenção. Assim, indivíduos hiperativos não conseguem, por exemplo, censurar suas emoções, nem fixar sua atenção na execução de uma determinada tarefa, como ler e escrever. Com isso, apresentam dificuldades de interação social e de aprendizagem, já que lhes faltam as habilidades básicas que tornam possível tudo isso, vale dizer, a capacidade de controlar sua impulsividade e a capacidade de responder seletivamente aos estímulos e de manter-se atento a eles.

Além dessas habilidades, o CD reúne ainda como componentes dos sistemas subsidiários os seguintes: a “imaginação”, o “sistema de memória”, o “desejo pelo outro (pessoa/coisa)”, e os sentimentos de “autoconfiança”, de “confiança no outro”, de “empatia”, de “ideal do ego” e de “autoconsciência”.

Contudo, o componente mais fundamental dos sistemas subsidiários é o *sistema de memória*, por ser este uma faculdade decisiva na aprendizagem. Nesta são cruciais duas condições que as memórias preenchem:

a) a de que o aprendiz guarde as lições aprendidas em “bancos de dados” relativamente permanentes – as memórias de longo prazo – e as recupere em situações futuras para interpretar as novas experiências. As memórias estabelecem a continuidade temporal, ligando “presente”, “passado” e “futuro”, e assim sustentam as identidades das pessoas;

b) a de que os dados aprendidos (fatos, entidades, comportamentos etc.) se tornem disposições corporais espontâneas e automáticas, de modo a aliviar a mente e a liberá-la para o exercício de novas aquisições. A memória manifesta a “economia funcional” da potencialidade existencial: aprender com poucos recursos de atenção e esforço, e, principalmente, com o mínimo de tensão.

As pesquisas em Neurociência (ANDREASEN, 2005, p. 43-76) e em Psicologia cognitiva (STERNBERG, 2000, p. 228-249) têm demonstrado que a memória não é uma coisa única, mas um processo constituído de etapas que contribuem, cada qual, para o processo geral de uso do sistema da memória. Tais etapas são: a codificação, a consolidação, o armazenamento e a recuperação.

A codificação é a etapa pela qual a estimulação ambiental é percebida e momentaneamente retida. Esse processo envolve a seleção dos estímulos e a organização deles em padrões perceptuais. As informações percebidas constituem assim uma memória de curto prazo, que pode ser mantida conosco ou descartada. A manutenção dela requer um processo de consolidação, que é determinado pelo significado biológico da estimulação, isto é, sua importância para a nossa sobrevivência. Quanto mais intensa for a estimulação para o sujeito, maior será a sua probabilidade de torna-se permanente. A memória assim consolidada é então armazenada.

O armazenamento faz com que uma memória de curto prazo converta-se numa de longo prazo, podendo ser declarativa (memória semântica e/ou episódica) ou procedural (memória de procedimentos e de emoções). Uma vez armazenadas, as informações da memória de longo prazo ficam à nossa disposição para

serem usadas na resolução de problemas e na execução de tarefas cotidianas. Essa fase chama-se recuperação da memória e é o que possibilita o exercício saudável da potencialidade existencial.

Os sistemas subsidiários asseguram o bom funcionamento de um elenco de habilidades mais específicas e controláveis pela razão, que propiciam a execução de uma diversidade de tarefas. Diferentemente dos sistemas subsidiários, que supõem comportamentos intuitivos e pré-rationais, esse conjunto de habilidades compreendem comportamentos reflexivos e racionais, caracterizados pela análise, avaliação e síntese dos eventos. A esse conjunto de comportamentos o CD tem chamado de *sistemas operantes* e, em termos tradicionais, corresponde ao sistema das funções cognitivas.

São designados assim porque consistem de um conjunto de representações mentais e de procedimentos, pelos quais as pessoas solucionam naturalmente os problemas e continuam vivendo de maneira saudável, isto é, sem interrupção do fluxo existencial. As conseqüências gerais de tais sistemas são as de operar sobre o meio e de modificar e “esclarecer” seus aspectos. Neste último caso, não é possível agir sobre a realidade sem haver primeiro uma “compreensão” de suas características.

Sendo conscientes e analíticos, eles permitem o desempenho de tarefas que demandam grandes recursos de atenção e controle racional dos processos, tais como o planejamento, a análise de problemas, o raciocínio indutivo e dedutivo, a tomada de decisões, a explanação, a interpretação, a categorização, a aprendizagem explícita e a comunicação.

Por exemplo, uma forma de inter-relação entre os componentes desses sistemas é a comunicação verbal. Como o funcionalismo de Dik tem mostrado (PEZATTI, 2005, p. 165-218), comunicar-se não é uma mera concatenação de informações cognitivas, como se estas tivessem o mesmo grau de relevância. “Fazer-se compreender”, e, portanto, ser bem-sucedido nessa tarefa, significa não apenas processar cognitivamente os estímulos a serem comunicados, mas sobretudo atribuir aos constituintes da mensagem estatutos informacionais distintos, com base em estimativas sobre as informações pragmáticas do interlocutor, a saber, o que ele sabe do assunto, o que é novo para ele, qual é a melhor forma de ele interpretar os dados transmitidos etc.

Dessa forma, a tarefa operante de comunicar-se depende estreitamente de habilidades interpretativas, tais como a de inferir o que o outro pensa e sente e quais as necessidades prementes deste numa dada situação de troca verbal. Trata-se, então, de um saber implícito, adquirido tacitamente pelas pessoas durante as suas vivências sociais. Juntamente com o saber explícito das informações cognitivas, esse saber participa das práticas dos comportamentos operantes e garante o seu sucesso.

Finalmente, o último conjunto de sistemas da tríade é o grupo de habilidades lingüísticas. Denominamo-los de *sistemas instrumentais*, pois só existem em função de “instrumentalizar” os conjuntos sistêmicos anteriores; em particular, os sistemas operantes. Com efeito, há uma íntima relação entre esses dois tipos de sistemas cujas marcas estão em nossa história filogenética e em nossa atualidade.

Em termos filogenéticos, sabemos que as capacidades cognitivas deram um grande salto evolutivo com o aparecimento da linguagem verbal. Em termos da atualidade, sabemos que a linguagem articulada tem auxiliado na representação, organização e comunicação do mundo interior do locutor e na interação deste com o seu interlocutor.

Hoje, portanto, é praticamente impossível pensar e interagir socialmente sem a mediação dos signos lingüísticos. Inclusive, a linguagem não apenas facilitou o uso de tais habilidades, como também criou novas relações cognitivas e afetivas a que só temos acesso por intermédio dos signos lingüísticos.

A hipótese construcionista da instrumentalidade da linguagem não permite que a vemos como uma faculdade autônoma e auto-suficiente, tal como prega o formalismo lingüístico. Se a linguagem verbal possui uma determinada organização interna, algo empiricamente demonstrável, é porque, desde o momento em que os sinais vocais entraram na história humana, aprimorando suas formas e alavancando a evolução da espécie, a linguagem confundiu-se com as propriedades dos sistemas operantes. Isso se esclarece melhor quando analisamos o fenômeno lingüístico à luz dos conceitos de “conhecimento declarativo” e de “conhecimento procedural”.

Segundo Sternberg (2000, p. 184-202), o conhecimento declarativo é aquele que pode ser expresso em palavras e em outros símbolos, é o “saber o quê”; ao passo que o conhecimento procedural é aquele sobre como seguir os vários passos de procedimentos para desempenhar as ações, é o “saber como”. O conhecimento declarativo pode ser definido também como aquele *corpus* de informações sobre as coisas, armazenadas na memória de longo prazo, cujo processo mnésico de codificação e recuperação ocorre de forma consciente e atenta.

Já o conhecimento procedural consiste num sistema de informações sobre como fazer as coisas, também armazenadas na memória de longo prazo. A codificação dos procedimentos pode dar-se de modo

consciente ou subconsciente, já a sua recuperação ocorre necessariamente em termos subconscientes, ou mesmo inconsciente, dado que são conhecimentos automatizados e espontâneos.

A linguagem verbal é, ao mesmo tempo, uma forma de conhecimento declarativo e procedural. Seu aspecto declarativo repousa no fato de que a linguagem “expressa” informações sobre fatos (pessoas, coisas, acontecimentos etc.) e eventos (circunstâncias em que tais fatos são percebidos). Enquanto conhecimento declarativo, a linguagem “representa” e “organiza” as informações que constituem o sistema das memórias.

Seu aspecto procedural reside na circunstância de que a linguagem verbal é um sistema de ação. Assim, ela é um sistema de disposições corporais condicionadas, determinado, em parte, pela mobilidade dos processos operantes e, em parte, pelas eventualidades de “expressão” de tais processos; as quais envolvem a impulsividade comunicativa do locutor e o desejo deste de atuar sobre o seu interlocutor. Veremos, adiante, mais de perto, essas duas dimensões da linguagem e suas implicações para a categorização.

Em síntese, podemos distinguir os três conjuntos de sistemas acima referidos em termos das características gerais envolvidas em seus processos de construção e sustentação, as quais descrevemos da seguinte forma:

<b>Sistemas instrumentais</b>	
<b>Sistemas subsidiários</b>	<b>Sistemas operantes</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Intuitivos</li><li>• Implicitamente condicionados</li> <li>• Involuntários</li><li>• Subconscientes e inconscientes</li><li>• Não-analíticos</li><li>• Supõem casualidade</li><li>• Relativos ao “ponto cego”</li><li>• Decorrentes das vivências das coisas</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Racionais</li><li>• Explícita e/ou implicitamente condicionados</li><li>• Voluntários</li><li>• Conscientes e subconscientes</li><li>• Analíticos</li><li>• Supõem premeditação</li><li>• Relativos ao “ponto vidente”</li><li>• Derivados das vivências das coisas e também da reflexão sobre elas</li></ul>

Nessa apresentação os sistemas instrumentais aparecem entre os dois outros sistemas, porque eles incluem aspectos pertencentes a ambos os sistemas.

#### **4. A linguagem verbal e a categorização**

Um dos processos cognitivos em que a linguagem joga um importante papel é a categorização. Esta consiste na tarefa de identificação, classificação e rotulação daquilo que existe e, para que seja bem-sucedida, supõe a concorrência da memória e dos processos lingüístico-discursivos. Com efeito, a categorização vale-se diretamente de dois processos mnésicos, a “codificação” e a “recuperação”, os quais dependem, por sua vez, dos constituintes lingüístico-discursivos.

Tais processos mnésicos não são estáticos e bem definidos. Pesquisas recentes no campo da Neuropsicologia têm demonstrado que o sistema da memória é muito dinâmico e que isso tem que ver com a flexibilidade funcional do cérebro (GRECO, 2006; ROSENFELD, 2006). Por exemplo, observações clínicas da memória de um paciente que havia perdido a visão evidenciaram dois fatos: primeiro, as lembranças antigas das pessoas com quem havia tido contato há muito tempo mantiveram-se, em geral, inalteradas; segundo, as lembranças recentes de pessoas próximas, com quem o doente continuava a relacionar-se, foram-se alterando com base nas novas experiências sem a visão (ROSENFELD, 2006, p. 84-91).

Essas observações revelaram, então, que a memória está em constante formulação e que, portanto, o mapa cartográfico do cérebro é variável e atualiza-se a cada momento; o que faz contestar a concepção clássica de memória como faculdade estática e bem definida.

O Construcionismo dinâmico também defende a flexibilidade das memórias. Para essa corrente, as memórias não são estruturas estáticas de informações, formadas por lembranças fidedignas de experiências pretéritas. Pelo contrário, compreende-as como sistemas dinâmicos em constante construção.

Segundo Gilbert (2006), esse caráter construtivo da memória é o caminho que a evolução encontrou para guardar o turbilhão de estímulos que recebemos a todo tempo num espaço mental relativamente limitado. Por outras palavras, a solução evolutiva consistiu em tornar o sistema da memória uma estrutura

seletiva e flexível, formada, de um lado, pelas informações centrais que caracterizam uma classe de eventos e, de outro, pelas muitas lacunas que são continuamente preenchidas nos diferentes contextos.

Por essa razão, a categorização não poderia ser uma tarefa cognitiva inflexível e estática. Dependente como é do sistema de memória, a categorização implica necessariamente mudança, dinamismo e flexibilidade. Para o CD, o dinamismo cognitivo explica-se não apenas em termos da flexibilidade funcional do cérebro, como também em termos da variabilidade lingüístico-discursiva.

A categorização conta com os processos lingüístico-discursivos, já que estes são importantes para a codificação e recuperação das memórias. Ou seja, esses processos mnésicos ocorrem com base em dois tipos de estruturas: a primeira mantém similaridades com aquilo que representam. Trata-se de imagens mentais (visuais, olfativas, táteis etc.); a segunda delas não apresenta qualquer similaridade, sendo a relação com o que representa puramente arbitrária. Trata-se de signos lingüísticos (PAIVIO, 1969 *apud* STERNBERG, 2004, p. 150-181).

Por outro lado, enquanto disposições corporais, a linguagem está sujeita às contingências nas quais se processa. Para o CD, a linguagem é uma espécie de função corporal complexa e dinâmica, como são os outros aspectos da motilidade humana, como movimentar-se, locomover-se, reagir às estimulações, enfim, comportar-se espontaneamente.

Por isso, ela existe, e apresenta o grau de complexidade atual, porque “expressa” o próprio fluir da existência humana, com as intercorrências, a imprevisibilidade e o voluntarismo que caracterizam a vida. Seus constituintes não apenas se articulam com as funções cognitivas dos sistemas operantes, como também se relacionam com os aspectos emergentes na situação de comunicação, como a impulsividade comunicativa do locutor e o desejo deste de atuar sobre seu interlocutor.

Portanto, a flexibilidade da linguagem verbal ocasiona o dinamismo do processo de categorização. Por essa mesma razão, dado que essa tarefa cognitiva só se efetiva por meio da linguagem verbal, ela sofre necessariamente as vicissitudes da linguagem em uso. O ineditismo, a improvisação e o voluntarismo, inerentes ao comportamento lingüístico, servem, então, para dinamizar a atividade lingüístico-discursiva e o próprio processo de categorização.

Com base no exposto, podemos estabelecer a seguinte síntese do Construcionismo dinâmico:

---

#### CONSTRUCIONISMO DINÂMICO

---

- Construção
  - Anti-representacionismo cognitivo
  - Anti-absolutismo da verdade
  - Dinamismo humano
- Holismo
  - Totalidade do ser
- Integralização
  - Dialogismo renovador
- Potencialidade existencial humana (PEH)
  - Teoria geral do self-holístico
    - Meio
    - Psicossoma
    - Mente
    - Ponto-de-vista
  - Teoria geral das habilidades humanas (tríade sistêmica)
    - Sistemas subsidiários
    - Sistemas operantes
    - Sistemas instrumentais
- Modelo geral do enredamento existencial (EE)
  - Representação concreta do processo de efetivação do PEH

---

#### Quadro sinóptico do arcabouço teórico do Construcionismo dinâmico

---

## 5. Considerações finais

Para finalizar essa comunicação, gostaríamos de salientar alguns temas possíveis de investigação em CD, bem como as áreas de estudo a que essa teoria pode ser aplicada. Quanto a estas, o Construcionismo dinâmico é susceptível de emprego na *clínica psicolinguística*, como modelo explanatório geral das disfunções e transtornos do comportamento verbal – porém, nesse caso, ele precisa ser complementado com teorias específicas sobre os componentes envolvidos em tal comportamento; nos *estudos da linguagem*, os conhecimentos construcionistas podem fornecer esquemas explicativos para os processos de aquisição, produção e interpretação da linguagem; e, por fim, nos *estudos literários*, eles podem propiciar a explicação dos mecanismos psicolinguísticos envolvidos na estruturação da linguagem literária.

Quanto aos temas de reflexão, citemos, a título de exemplo, um tema geral relativo aos estudos da linguagem e outro, aos estudos literários.

a) No tocante aos estudos da linguagem: o tema geral da influência dos fatores psicossomáticos na produção e interpretação de sentidos; daí derivando temas mais específicos como: “metáforas e metonímias cognitivas”; “antropomorfização nos processos de categorização”; “regulação intrapessoal e interpessoal dos mecanismos argumentativos”; “efeitos ideológicos dos discursos segundo a teoria do ponto-de-vista”; “leitura como ‘crença’ e leitura como ‘fato’: efeitos de disfunção de segunda ordem”; “mecanismos construcionistas de formação e renovação lexicais” etc.

b) A despeito dos estudos literários: o tema geral da centralidade dos aspectos psicossomáticos e do ponto-de-vista na construção de mundos ficcionais e poéticos; dando lugar a temas mais específicos como: “fenômeno do ‘desbobramento’ do ponto-de-vista e sua relação com o foco narrativo”; “efeitos da memória procedural e afetiva na estruturação do mundo ficcional”; “papel da linguagem literária nos processos de elaboração de perdas afetivas”; “repercussões psicossomáticas na construção das figuras de linguagem”; “linguagem poética como expressão da corporeidade da PEH” etc.

Pelo exposto, explicitamos a estrutura geral do arcabouço epistemológico do Construcionismo dinâmico. Acreditamos ter esclarecido os principais postulados desse arcabouço e sua contribuição não apenas para o estudo da linguagem, como também para o estudo do homem. É evidente que se trata de um programa de estudos incipiente e, por isso mesmo, lacunar. Com efeito, tais lacunas podem ser preenchidas com teorias específicas sobre os componentes em jogo na PEH, e, em especial, sobre os aspectos da linguagem verbal.

Aliás, é isso a essência desse arcabouço. Como dissemos, o dinamismo aí implícito refere-se também ao campo interdisciplinar, em cujo bojo o CD emerge e se constrói continuamente.

## 6. Referências bibliográficas

ANDREASEN, N. C. O cérebro: a orquestra dinâmica da mente. In: \_\_ **Admirável cérebro novo: vencendo a doença mental na era do genoma**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 43-76.

BARKLEY, R. A. Déficit de atenção e hiperatividade. **Viver Mente & Cérebro**, Edição Especial, v. 5, p. 84-89, 2006.

COULON, A. **Etnometodologia e educação**. Trad. Guilherme J. de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995. 205p.

DIAS, E. O. A teoria do amadurecimento pessoal. In: \_\_ **A teoria do amadurecimento de D. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 93-155.

GARDNER, H. As inteligências pessoais. In: \_\_ **Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994, p. 184-213.

GILBERT, D. **O que nos faz felizes: o futuro nem sempre é o que imaginamos**. Trad. Liliane Marinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. 262p.

GRECO, A. **Cérebro, a maravilhosa máquina de viver: novas descobertas o tornam ainda mais fascinante**. São Paulo: Editora Terceiro Nome; Mostarda Editora, 2006. 93p.

ÍÑIGUEZ, L.; EL HAMMOUTI, N-D; MARTINS, J. B. (Org.) **Temas em Análise Institucional e em Construcionismo Social**. São Carlos: Rima; Curitiba: Fundação Araucária, 2002. 180p.

LAKKOF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo de Estudos da Indeterminação e da metáfora (GEIM). Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002. 360p.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.) **Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos**. v. 3, 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 165-218.

PIAGET, J. A elaboração do pensamento: intuição e operações. In: \_\_ **Psicologia da inteligência**. 2. ed. Trad. Egléa de Alencar. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura SA, 1972, p. 157-199.

RATNER, C. **A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas**. Trad. Lólio L. de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 314p.

ROSENFELD, I. Cartografias cerebrais. **Mente & cérebro**. A mente do bebê, São Paulo, v. 3, p. 84-91, 2006.

SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999. 296p.

STERNBERG, R. J. Representação do conhecimento: imagens e proposições. In: \_\_ **Psicologia cognitiva**. Trad. Maria Regina B. Osório. Porto Alegre: Artes Médicas Sul: 2000, p. 150-181).

\_\_\_\_\_. Memória: modelos e estruturas. In: \_\_ **Psicologia Cognitiva**. Trad. Maria Regina B. Osório. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 204-226.